

Datam dêsse período trabalhos como "Sociologie des Maladies Mentales" (1965), em que perscruta as fronteiras sociológicas do "juízo"; "Les Amériques Noires" (1967), em que mostra a amplitude e a variedade do problema negro nas Américas; "Le proche et le lointain" (1970), em que perscruta o "desconhecido" e o "insólito" tais quais se defrontam em nossa época; "Le rêve, la transe et la folie", em que os limites da razão são novamente colocadas em pauta, na sua diversidade social; e finalmente "Le sacré sauvage", (1975), obra póstuma, em que regressa ao problema religioso para revê-lo dentro de outros parâmetros. Neste conjunto, salienta-se uma obra que se apresenta como o ápice de suas reflexões metodológicas, e que devia constituir hoje em dia uma leitura obrigatória para antropólogos e sociólogos: "Anthropologie Appliquée" (1971).

Perpassando os olhos por todos estes títulos, verifica-se que, juntamente com a interpenetração das civilizações, um segundo aspecto científico orienta e alimenta o pensamento de Roger Bastide: sua preocupação com as "fronteiras" — fronteiras entre disciplinas científicas, fronteiras entre sagrado e profano, fronteiras entre grupos étnica e culturalmente distintos, fronteiras entre saber e arte. Justamente porque se conservou sempre consciente da multiplicidade do uno e da unidade do múltiplo, conseguiu dar à sua obra uma densidade de pensamento e de observação, juntamente com uma finura de análise e de penetração, como raramente deparamos entre os sociólogos e os antropólogos.

Com a morte de Roger Bastide, perdeu a Universidade de São Paulo um dos grandes professores que assistiram ao seu início e que ajudaram a construir o seu Departamento de Ciências Sociais; perdeu também um dos professores que mais influenciou um grande grupo de atuais professores e pesquisadores, e, mais do que isso, um dos sociólogos que melhor compreendeu a complexidade dos problemas brasileiros.

Maria Isaura Pereira de Queiroz
Centro de Estudos Rurais e Urbanos
Departamento de Ciências Sociais-U.S.P.

*

GUNTHER PROTASIUS FRIKEL

1912-1974

Nascido em Breslau, Alemanha, filho de um relojoeiro, veio para o Brasil impulsionado por vocação religiosa. Concluiu os cursos de Filosofia com os Franciscanos de Olinda, PE, e Teologia em Salvador, BA. Isso pelos anos de 1931 a 37. Na frequência a esses cursos, não obstante a disciplina monástica, interessou-se vivamente pelos cultos afro-brasileiros como praticados nos candomblés. *Die Seelenlehre der Gege und Nagô*, publicado na Revista dos Franciscanos, Salvador, 1941, é sua abertura para a antropologia. Transferido para Belém, vai realizar trabalho missionário entre os índios Mundurukú, da região do Alto Tapajós. Daí foi convocado a estabe-

lecer a missão Tiriós na Guiana Brasileira. Nesse período, que se inicia em 1938, estuda também os "mocambeiros", descendentes de escravos fugidos que foram se abrigar nos altos rios Trombetas, Curuá e Cuminá. No que entra em contato com os índios Kaxuyâna, Parukotó, Wayana, Aparai, além dos Tirió. Entre esses últimos funda missão. Mais tarde coadjuvado pelos Frades Angélico e Cirilo. Da convivência com esses índios resultam seus melhores trabalhos em etnologia. Em 1957 agrega-se ao Museu Paraense Emílio Goeldi, onde mais tarde obtém bolsa de pesquisador pelo Conselho Nacional de Pesquisas e se integra definitivamente à investigação em antropologia. Não podendo conciliar suas obrigações de missionário com a atividade científica, deixa a Ordem. Publica nesse período mais de vinte trabalhos. Casa-se com Marlene que o acompanha e ajuda nas suas freqüentes viagens.

Desgastado pelas incursões ao interior e pela malária, vem a morrer em 1974, na cidade de Belém. Sua presença permanece viva nas bibliotecas e entre seus companheiros de trabalho.

Eduardo Galvão
Museu Paraense "Emílio Goeldi".

*

FREDERICO EDELWEISS

1892-1976

Faleceu em Salvador, a 15 de outubro de 1976, o Prof. Frederico Edelweiss, um dos fundadores e docentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade Federal da Bahia. Nascido a 19 de maio de 1892, em Sto. Angelo (RGS), onde viveu apenas parte de sua infância, radicou-se na Bahia, logo após regressar da Europa, onde realizou parte de seus estudos superiores, interrompidos pela morte prematura de seu pai aqui no Brasil. Graças ao conhecimento de várias línguas, Frederico Edelweiss dedicou-se inicialmente ao comércio exportador; mais tarde, com a revolução de 1930, assumiu, indicado pelo Interventor Arthur Neiva, a direção comercial do recém-criado Instituto de Cacau da Bahia. Nos meios comerciais baianos, a sua imagem sempre foi a de um homem moralmente íntegro, culto e bem informado.

Ao mesmo tempo em que se dedicava, com êxito, às lides comerciais, Edelweiss desenvolveu profícua atividade intelectual, como tupinólogo, historiador e bibliógrafo. Além de trabalhos de teor filológico, publicados em várias revistas nacionais, pronunciou inúmeras conferências, ainda inéditas, editando, finalmente, três livros dignos dos maiores encômios: *Tupis e Guaranis*, *O Caráter da segunda Conjugação Tupi* e *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*. Pela profundidade da investigação, pela abordagem metodológica, pelo cuidadoso estudo comparativo entre diversos idiomas pertencentes à família lingüística Tupi-Guarani, estas obras representam contribuição definitiva e segura para os que se dedicam a tais assuntos. Representam, também, a cristalização dos ensinamentos transmitidos por Edelweiss durante os anos em que foi professor de Tupi na Universidade Federal da Bahia.